

## Cadernos de História

publicação do corpo discente do Departamento de História da UFOP  
Ano I, n.º 2, setembro de 2006  
www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria  
ISSN 1980-0339

### Antiprotetantismo, Neocristandade e Paradigma Tridentino na Obra “O Anjo das Trevas” (1936)

Daniel Soares Simões  
Aluno de Pós-Graduação em História da UFPB  
soaressimoes@click21.com.br

#### Resumo

O presente artigo analisa o antiprotetantismo católico na obra *O Anjo das Trevas* (1936), escrito pelo Padre Júlio Maria de Lombaerde (1878-1944), tomada como representativa da atitude da Igreja da Neocristandade (1916-1955) perante aqueles que professavam o protestantismo no Brasil. Combinando medo e escárnio, Júlio Maria reproduz em seus escritos o ideário combativo e intolerante do Concílio de Trento (1545-1563), superado apenas a partir da perspectiva ecumênica inaugurada no Vaticano II (1962-1965).

#### Abstract

The present article analyses the catholic antiprotetantism in the work *O Anjo das Trevas* (1936), written by Priest Julio Maria de Lombaerde (1878-1944), taken as representative of the attitude of the Church of Neochristianity (1916-1955), before those who professed the protestantism in Brazil. Blending fear and mockery, in his writings Júlio Maria reproduces the ideology of the Council of Trent (1545-1563), only overcome by the ecumenical perspective inaugurated at Vatican II (1962-1965).

“Ódio ao anjo das trevas e a seus representantes na terra”. É com essa palavra de ordem que Júlio Maria de Lombaerde (1878-1944), na obra *O Anjo das Trevas ou Lampejos de Doutrina, Ciência e Bom Senso Contra os Erros Modernos*, conclama os fiéis católicos a lutar contra os “inimigos” da Igreja, em cujas fileiras estava o protestantismo. Esta e outras obras do mesmo autor – missionário belga da Congregação da Sagrada Família que

desenvolveu um intenso ministério na cidade mineira de Manhumirim entre os anos vinte e quarenta – podem ser consideradas representativas das atitudes da Igreja da Neocristandade (1916-1955) em relação aos que professavam a fé protestante no Brasil, quando ainda não vigorava a postura de diálogo ecumênico inaugurada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Pretendemos neste artigo discutir alguns elementos do discurso católico antiprotestante em *O Anjo das Trevas*, procurando apontar suas relações com o projeto de instauração de uma Neocristandade e com o ideário do Concílio de Trento.

O Padre Júlio Maria, como se tornaria mais conhecido, chegou a Manhumirim em março de 1928, assumindo, desde então, uma postura aguerrida em relação aos maçons e protestantes, estes últimos com presença significativa na cidade. Conforme ele mesmo relatou posteriormente, o protestantismo encontrava-se ali “solidamente implantado”, contando com “dois templos, um Presbiteriano, outro Batista, funcionando um terceiro, Evangelista, em casa particular”. Também constatara que “o povo estava completamente imbuído de idéias protestantes, freqüentando poucos, e pouco, a igreja e os Sacramentos”.<sup>1</sup>

A presença e o proselitismo protestantes em Manhumirim ocasionavam, presumidamente, conflitos ora pontuais, ora mais cotidianos, um dos quais teve como cenário as celebrações marianas que sucederam à posse de Júlio Maria como vigário da cidade. Na ocasião, os protestantes distribuíram um panfleto intitulado “Desafio ao Padre Júlio Maria”, intimando-o a comprovar com textos bíblicos uma lista de dogmas e práticas católicas. “Respondi de chofre”, afirmou o padre, “porém, dispondo apenas das colunas de um pequeno semanário [o jornal *O Manhumirim*] foi-me impossível publicar tôdas as respostas”, além do que “uma das respostas foi combatida pelos pastôres protestantes”.<sup>2</sup>

Tal episódio inspirou Júlio Maria a criar, ainda em 1928, um jornal apologético batizado sugestivamente de *O Lutador do Bom Jesus de Manhumirim*, cuja primeira edição foi publicada em 25 de novembro daquele ano. Através dele, o padre passou a responder de modo mais sistemático às freqüentes questões que lhe eram trazidas, inclusive por protestantes,

---

## Notas

<sup>1</sup> MIRANDA, Antônio Afonso de. **Padre Júlio Maria, sua vida e sua missão**. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1957. p. 272.

<sup>2</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria de. **Luz nas trevas ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1945. pp. 32-34.

experiência que o fez destacar-se também como escritor, produzindo uma literatura voltada, sobretudo, para a difusão do culto mariano e para o combate aos “erros modernos”, sobretudo o protestantismo. Segundo ele, “os protestantes, de todos os lados, fazem uma propaganda frenética de seus erros, procurando arrastar para o mal e a perdição os católicos fiéis; é, pois, necessário opor-lhes uma refutação clara, simples, doutrinal e popular de suas objeções”.<sup>3</sup> Escreve, portanto, utilizando uma linguagem direta, de fácil assimilação, rica em imagens.

Tendo em vista o fortalecimento do catolicismo na cidade, contando com o apoio do então Bispo de Caratinga, Dom Carloto da Silva Távora, o Pe. Júlio Maria também incentivou a criação de congregações religiosas e agremiações leigas, investindo ainda nos campos da assistência e da educação. Em síntese, seu perfil biográfico combina a atuação de ordens religiosas estrangeiras no Brasil, a busca pela afirmação do catolicismo perante seus concorrentes e opositores, o incentivo ao ensino confessional e a utilização da imprensa como veículo de propaganda – elementos que apontam para o seu pertencimento ao contexto da chamada Igreja da Neocristandade, também chamada de Restauração Católica.

O projeto católico restaurador remonta à luta da Igreja contra a secularização do Estado e da sociedade, processo que se intensificou no Ocidente ao longo do século XIX, marcado por “uma redução constante do peso social da religião organizada”.<sup>4</sup> No Brasil, com a proclamação da República (1889) e o fim do Regime de Padroado (1890), apesar do catolicismo continuar sendo majoritário, a hegemonia espiritual da Igreja viu-se ameaçada pela crescente laicização dos valores e pelo avanço de outros cultos religiosos, como o protestantismo e o espiritismo. A resposta da Igreja se deu mediante a proposta de instaurar uma Neocristandade, “uma ordem econômica, social e política sob a direção dos princípios cristãos definidos pela Igreja”<sup>5</sup>, visando reconduzir a sociedade aos valores morais e culturais do cristianismo católico e estabelecer o “Reino Social de Jesus Cristo” – ideal que orientou o pontificado de Pio XI (1922-1939) e que, em terras brasileiras, teve como principal articulador o cardeal Dom Sebastião Leme (1930-1942).

---

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>4</sup> ZANONE, Valério. “Laicismo”. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. **Dicionário de Política**. 5. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 673.

<sup>5</sup> BEOZZO, José Oscar. “A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização”. In. Boris Fausto (org.). **História geral da civilização brasileira**: o Brasil republicano, tomo III-2. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 322.

As fronteiras cronológicas da Neocristandade são fixadas por Scott Mainwaring entre os anos de 1916 e 1955, tendo seu apogeu durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Nesse período, a Igreja procurou reafirmar sua influência na vida pública e reaproximar-se do Estado, mantendo com este uma relação de “mútua cooperação”, conservando como “interesses indispensáveis” a ingerência sobre o sistema educacional, a preservação da moralidade católica, o anticomunismo e o *antiprottestantismo*.<sup>6</sup>

Os anos trinta foram bastante frutíferos para a Igreja da Neocristandade. Datam desse período a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil (1930), a inauguração da estátua do Cristo Redentor (1931), a criação da Liga Eleitoral Católica (1932), a realização do primeiro Congresso Eucarístico Nacional (1933), a implantação da Ação Católica (1935) e a realização do Concílio Plenário Brasileiro (1939).

Dessa série de acontecimentos, o último revestiu-se de grande importância estratégica. Realizado à sobra do Estado Novo, o Concílio Plenário Brasileiro congregou o episcopado nacional a fim de discutir os problemas enfrentados pela Igreja e traçar metas para a mesma. Estiveram em pauta questões relacionadas ao avanço das seitas protestantes e do espiritismo, além da questão social, trazida à baila pela “ameaça vermelha”. Com o Estado encampando a repressão ao comunismo, a partir das resoluções do Concílio a Igreja passou a investir de forma mais sistemática contra as “heresias” protestante e espírita. Seu corpo hierárquico também saiu fortalecido e um tanto mais distanciado do laicato, na esteira do ideal de fazer corresponder ao governo forte de Vargas uma Igreja igualmente forte do ponto de vista institucional.

Com o combate do Padre Júlio Maria aos protestantes e demais “inimigos” da Igreja colocado em perspectiva, voltemos nossa atenção para *O Anjo das Trevas*. Dentre as suas obras, a partir das quais é possível estudar o antiprottestantismo, esta pode ser considerada uma das mais significativas por apresentar, conforme veremos, uma interpretação do protestantismo a partir de uma visão de conjunto. O subtítulo da obra – *Lampejos de doutrina, ciência e bom senso Contra os erros modernos* – é revelador da intenção do autor de lançar luz sobre as trevas que julgava estarem sendo difundidas no mundo pelo Demônio e seus

---

<sup>6</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 46. **Grifo meu.**

agentes que apresentam na forma de “seis seitas destruidoras” ou “seis anjos das trevas”: o espiritismo, o protestantismo, a maçonaria, o *divorcismo*, o *sexualismo* e o comunismo. Por meio deles, “não podendo mostrar-se pessoalmente, tal qual ele é”, Satanás “reveste-se de pele do cordeirinho, para melhor enganar os incautos e perdê-los com mais facilidade”.<sup>7</sup> Dada sua ação deletéria, “entre muitos demônios”, afirma o autor, “pode-se dizer que os *seis* citados são os mais perigosos”.<sup>8</sup> Atualiza-se, deste modo a identificação do Diabo com os inimigos da Igreja: os mouros, bruxas, judeus e hereges de outrora dão lugar aos espíritas, protestantes, maçons e comunistas de meados dos anos trinta do século XX.

Ao lado das demais “pragas”, o protestantismo integra uma conjunção de ameaças que, conforme se acreditava, conspiravam contra instituições e princípios mantidos pela Igreja, compondo – para empregar o conceito desenvolvido por Jean Delumeau – uma *atmosfera obsidional* alicerçada na reflexão teológica.<sup>9</sup> Nesse conjunto, o protestantismo é visto, simultaneamente, como sinal da aproximação dos “últimos dias”, argumento que autor reforça citando o Apocalipse: expulso do céu, Satanás teria pressa em agir diante do pouco tempo que lhe resta, fazendo isso por meio de seus “emissários”.<sup>10</sup>

Júlio Maria segue um plano bastante definido: dedica a cada um dos referidos “anjos das trevas” uma seção do livro e um determinado número de “lampejos” – dezessete ao todo. A expressão é utilizada para referir-se às teses expostas por ele, as quais, à semelhança de um clarão, dissipariam a escuridão produzida pelos “erros modernos”. A oposição entre luz e trevas, portanto, subjaz toda a sua argumentação.

O protestantismo ocupa o segundo capítulo de *O Anjo das Trevas*, sendo-lhe dirigidos quatro dos ditos “lampejos” (que, no conjunto da obra, correspondem ao quinto, sexto, sétimo e oitavo). Significativamente, é a ele que o autor dedica o maior número de páginas: setenta e nove, contra apenas vinte e uma para o comunismo, por exemplo. No primeiro lampejo, o

---

<sup>7</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria de. **O anjo das trevas ou lampejos de doutrina, ciência e bom senso contra os erros modernos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1936. p. 344.

<sup>8</sup> Ibid., p. 343.

<sup>9</sup> Delumeau emprega a metáfora do cerco para caracterizar o quadro de angústia coletiva que pairava sobre a cristandade européia da Era Moderna. Segundo ele, a superação desse senso de ameaça passou pela objetivação do mal na figura do Diabo e seus agentes (o mouro, o judeu, o herege, a bruxa), fruto da reflexão teológica. Esta também produziu os medos da morte e do fim do mundo, associados aos temores das penas infernais e do Juízo Final. Cf. DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989a.

<sup>10</sup> Eis o que diz o texto de Apocalipse 12:12: “Ai da terra e do mar, porque o Diabo desceu para junto de vós cheio de grande furor, sabendo que pouco tempo lhe resta”.

autor discorre sobre as origens do protestantismo no “tinteiro de Satanás” – donde viria sua diversidade, em contraste com a unidade do catolicismo. No segundo, intitulado de “o bible-ball protestante” – numa alusão irônica a uma partida de futebol –, faz-se referência às divisões e disputas no interior do protestantismo. No lampejo seguinte, o autor responde às tradicionais alegações reformadas contra o catolicismo, como o uso do latim na missa, o culto às imagens e à Virgem Maria. O quarto e último lampejo trata das “conversões protestantes”, tomadas como evidência do triunfo da fé católica no mundo.

O pressuposto básico da oposição do Pe. Júlio Maria ao protestantismo é a alegada associação deste com o Demônio. Entretanto, seu discurso antiprotestante se baseia mais propriamente no escárnio – fruto de uma convicção de pertencimento a uma religião superior – que no medo das ciladas satânicas. Para Júlio Maria; os católicos permanecem “unidos em redor da rocha de S. Pedro, onde as maldades das seitas nunca poderão subir!”<sup>11</sup> e a Igreja “tem alicerces, paredes e tudo de pedra, contra as quais nada podem as pedradas do inferno”.<sup>12</sup> Assim, pode-se dizer que o autor rivaliza com o protestantismo encarando-o de cima para baixo, recorrendo com freqüência a metáforas infamantes e à ironia.

O recurso a imagens desse tipo pode ser observado na representação da origem das igrejas protestantes.<sup>13</sup> Estas teriam se desenvolvido a partir do luteranismo assim como “os vermes se multiplicam numa carniça apodrecida”. De acordo com o Pe. Júlio Maria, “tudo o que havia de malsão, de viciado, de perverso, foi logo atraído pelo cheiro nauseabundo da carniça de Lutero”.<sup>14</sup> “A carniça luterana”, conclui o autor, “serviu assim de alimento e de ninho para o desenvolvimento de todos os erros, de todos os vícios e de todas as paixões; como a carniça animal serve de pasto a todos os micróbios, vermes e animais pestíferos”.<sup>15</sup> O advento da Reforma seria o marco de uma divisão do mundo em duas partes: “a parte católica,

---

<sup>11</sup> LOMBAERDE, *Op. Cit.*, p. 88.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>13</sup> Para o conceito de *representação*, nos reportamos a Roger Chartier, que define as representações sociais como “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real”. Segundo o mesmo autor, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 17.

<sup>14</sup> LOMBAERDE, *Op. Cit.*, p. 79.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 80.

unida, coesa, firme, invariável” e “a parte protestante, composta da podridão moral do mundo”.<sup>16</sup>

O contraponto entre a unidade católica e a diversidade protestante é ressaltado por meio de imagens de inspiração sanitária. Nela, a unidade está para a saúde assim como a diversidade está para a doença: “o protestantismo é uma MOLÉSTIA; cada seita protestante é uma doença; e do mesmo modo que há muitas moléstias para destruir uma única saúde, assim também há muitas seitas protestantes para atacar a única verdade católica”.<sup>17</sup> A multiplicação de denominações protestantes é interpretada a partir de uma comparação com a medicina: “Cada dia vemos surgir uma nova, como na medicina, cada ano, vemos surgir novas moléstias; praticamente são as mesmas, mas dá-se-lhe um nome novo, uma túnica nova...”.<sup>18</sup> Daí a conclusão: “Pouco importa o nome: é uma moléstia, basta. Tôda moléstia é ruim e arruína a saúde”.<sup>19</sup>

De forma recorrente, é ainda na perspectiva do escárnio que se dá a depreciação dos pastores protestantes. Estes são objeto de particular hostilidade, sendo geralmente referidos de maneira infamante: “falsos pastores”, “baixos caluniadores”, “casta miserável, decaída, exploradora”, “lobos devoradores”, “homens sem fé, e nem moral, unicamente interessados em ganhar dinheiro sem trabalhar”, “baixos exploradores” que seguem “os interesses de sua bolsa”.<sup>20</sup> Usando de má fé e de ensinamentos enganosos, os mesmos são tidos como os verdadeiros responsáveis pela perdição dos protestantes que, iludidos, “são dignos de dó e compaixão”.<sup>21</sup> A desclassificação dos pastores é corroborada por comentários sobre os dotes intelectuais dos mesmos. Eles são chamados de “ignorantes”, “viciados” e de “fanáticos obcecados”.<sup>22</sup> Nas igrejas reformadas, afirma o autor, “qualquer vaqueiro é pastor” e “qualquer analfabeto é pregador”.<sup>23</sup> “A explicação da palavra de Deus ministrada por padres, que durante longos anos

---

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 93. Em *Ataques Protestantes*, Júlio Maria sintetiza essa idéia referindo-se ao protestantismo como uma “polipatologia”. **Ataques protestantes às verdades católicas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1937, p. 279.

<sup>18</sup> *Ibid.*, mesma página.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 81-129 passim.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>22</sup> *Ibid.*, mesma página.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 117.

estudam as ciências, a religião e a bíblia”, é contrastada com “a palavra de um pastor quase analfabeto”.<sup>24</sup>

A esse respeito, a passagem do discurso à ação é ilustrada por um episódio ocorrido em Manhumirim em meados de 1930. Tendo ouvido da chegada de um certo número de pastores protestantes à cidade – segundo consta, para promover palestras “contra a Religião Católica” –, o padre antecipou-se e, valendo-se das páginas do jornal *O Lutador*, lançou-lhes um desafio nos seguintes termos:

Se acreditais no que pregais e se sois *ministros e pastores*, vinde à luz do dia e aceitai uma *conferência pública* com o Vigário, para que da discussão saia a luz verdadeira. [...] Mostrai a vossa sabedoria ou a vossa ignorância. Eu desejo mostrar em público a verdade e o erro. Vinde, pois, aceitai o meu *desafio*. O povo não há de linchar-vos, como merecem apóstatas e renegados da fé de seus pais e baixos exploradores da ignorância alheia, mas escutará a discussão com calma, porque o povo de Manhumirim é um povo educado e ordeiro. Apenas o vencido dentre nós receberá a vaia que merecer.<sup>25</sup>

Temendo, provavelmente, algum tipo de violência, os pastores não compareceram ao debate. Diante daqueles que o acompanharam ao local onde aconteceria a disputa, o padre não tardou em interpretar o ocorrido como demonstração do “triunfo da verdade católica sobre o erro protestante”.

As conversões ao protestantismo – incluindo as de padres católicos – também são referidas com escárnio. Segundo Júlio Maria, via de regra, torna-se protestante apenas quem é incapaz de ser católico. O autor comenta que “O protestantismo [...] é quase todo, no Brasil, de apóstatas. Foram católicos, maus católicos, ignorantes, e passaram facilmente para a heresia, que os dispensava de uma porção de coisas incômodas”.<sup>26</sup> No que se refere aos conversos egressos do sacerdócio, entre as ditas “coisas incômodas” estaria, sobretudo, a exigência do celibato. Os padres convertidos são referidos, novamente com ironia, como “saianistas”, ou “os tais EX que viraram protestantes por causa de uma saia”.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>25</sup> MIRANDA, *Op. Cit.*, p. 297.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 136. O *Código de Direito Canônico* (1917) define como *herege* alguém que, “depois de haver recebido o batismo, conservando o nome de cristão, nega tenazmente ou põe em dúvida alguma das verdades que hão de ser cridas com fé divina e católica”. Se este “abandona por completo a fé cristã” é *apóstata*, e “se recusa submeter-se ao Sumo Pontífice ou se nega a comungar com os membros da Igreja que lhe estão submetidos” é considerado *cismático*.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 88. Em *Ataques Protestantes*, o Pe. Júlio Maria dá mostras de misoginia ao afirmar que “sempre a mulher está no meio... Ao lado de Adão... vem a Eva; como ao lado de Lutero... está a Catarina! Estes pobres padres que caem estão amarrados pelo diabo a qualquer saia ou saiota!”. *Op. Cit.*, p. 258.



Desta forma, aquilo que poderia ser interpretado, à primeira vista, como sinal de derrota, ganha novo significado a partir da alegada indignidade dos conversos. Se “católicos decaídos viram protestantes”,<sup>28</sup> tais conversões passam a assumir uma função purificadora para a Igreja. Essa idéia é reforçada por uma imagem, no mínimo, pitoresca: “quando o papa varre a igreja, lança o lixo no protestantismo”.<sup>29</sup> Padres convertidos, assim como os demais ex-católicos, representariam elementos indesejáveis para a Igreja. Por outro lado, ao se alimentar do “lixo” do catolicismo, as igrejas protestantes estariam apenas demonstrando a baixa de seus padrões, revelando-se como o avesso da fé e da moral católica.

O escárnio não exclui, no entanto, o convite à regeneração. Piedosamente, em três dos quatro “lampejos”, o Pe. Júlio Maria dirige a palavra aos “pobres protestantes”, procurando persuadi-los a retornar ao seio da Igreja. “É tempo de sacudirdes o jugo que tais mestres [os pastores] vos impõem, e de retomardes o jugo suave e doce de Jesus Cristo, que a igreja católica, apostólica, romana conserva e representa”.<sup>30</sup> Tendo afirmado a necessidade de interpretar as Escrituras Sagradas a partir de uma “autoridade competente”, o padre dirige-se aos protestantes: “Compreendendo isto, deixareis a seita vil e mentirosa a que pertenceis, para seguides o estandarte glorioso de Cristo, que a imortal igreja católica, apostólica, romana, desfralda”.<sup>31</sup> Finalmente, o autor também roga em favor do “pobre protestante”: “Peço a Deus, pai de misericórdia, que ilumine a sua inteligência para conhecer a verdade, e a sua vontade, para ter a força de praticá-la”.<sup>32</sup>

No *Anjo das Trevas*, o Pe. Júlio Maria de Lombaerde combina, portanto dois elementos aparentemente antagônicos: o medo e o escárnio. Tais elementos nos apresentam uma Igreja que se percebia ameaçada, mas, ao mesmo tempo, ciente de sua pretensa superioridade; que zomba de seus inimigos por mais temíveis e danosos que sejam. Para além da sintonia com as diretrizes da Neocristandade, é possível identificar no escárnio antiprotestante do Pe. Júlio Maria uma sobrevivência do ideário do Concílio de Trento (1545-1563) em relação aos “hereges”, entre eles os protestantes.

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 124.

Considerado eixo da Reforma Católica do século XVI – tradicionalmente referida como Contra-Reforma – o Concílio de Trento promoveu a reafirmação de antigos dogmas, a moralização e reordenação do clero e o disciplinamento da vida do laicato e da religiosidade popular. Seus decretos deram novo destaque aos sacramentos da missa, do matrimônio e da penitência, confirmaram a importância das obras na salvação e o culto às imagens, exaltaram a Virgem Maria e os santos e colocaram em relevo a primazia do estado clerical.

A relação de tais resoluções com a emergência do protestantismo é passível de diferentes leituras. De acordo com Ronaldo Vainfas, os sacerdotes conciliares “aparentemente não tomaram qualquer resolução de afronta ao protestantismo, já bem espalhado na Europa, conservando a Igreja numa posição defensiva”.<sup>33</sup> Delumeau, em contrapartida, declara que Trento representou “uma recusa de diálogo com a Reforma, uma abrupta afirmação de posições antiprotestantes”.<sup>34</sup> Talvez possamos encontrar uma síntese na caracterização da Igreja de Trento feita por Sônia Siqueira, a partir do que a autora chama de “três atitudes missionárias”: “*retraimento*, fechando-se em si mesma até superar suas crises; *luta* contra os inimigos da fé (quer no plano do ataque, quer no da defesa); *expansão* pelo Oriente, África e Américas”.<sup>35</sup>

É no contexto da cruzada tridentina contra a heresia, encampada principalmente pelas ordens religiosas, que o antiprotestantismo católico é engendrado. Nessa cruzada, a busca pela conversão das massas protestantes, reconduzindo-as à verdadeira fé, caminhou lado a lado com o objetivo de reconquistar pela força das armas os territórios açambarcados pelo protestantismo. Esse foi o estopim de um sem número de conflitos nos quais motivações religiosas se confundiam com interesses políticos.

Podemos dizer, então que o Concílio de Trento fez surgir um catolicismo renovado, combativo, expansionista, que não permanece apenas na defensiva, mas enfrenta seus adversários e pretende triunfar sobre eles. Tendo como esteio a convicção de pertencimento a uma religião superior ou, nos termos de Siqueira, “a certeza de posse da verdadeira vida espiritual”<sup>36</sup>, a defesa da ortodoxia e o triunfalismo – que produzem o desprezo e o escárnio –

---

<sup>33</sup> VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 20.

<sup>34</sup> DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 169.

<sup>35</sup> SIQUEIRA, Sônia. **A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Ática, 1978. p. 5, nota nº 5.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 18.

constituíram as características fundamentais da Igreja Tridentina, consagrando um catolicismo cuja relação com os outros credos é definida a partir da beligerância, seja a que chega às vias de fato, seja a que se transfigura em discurso. De uma forma ou de outra, a perspectiva é sempre combativa e intolerante. Na longa duração, a beligerância discursiva sobreviveria para reaparecer, por exemplo, nas páginas de *O Anjo das Trevas*. Ao conclamar seus leitores à luta contra o demônio e seus “emissários”, Júlio Maria de Lombaerde se afigura como herdeiro e representante do paradigma tridentino.

## Referências Bibliográficas

BEOZZO, José Oscar. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização". In. Boris Fausto (org.). **História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano**, tomo III-2. São Paulo: DIFEL, 1985.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

LOMBAERDE, Júlio Maria de. **O anjo das trevas ou lampejos de doutrina, ciência e bom senso contra os erros modernos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1936.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MIRANDA, Antônio Afonso de. **Padre Júlio Maria, sua vida e sua missão**. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1957.

MIRANDA, Beatriz V. Dias; PEREIRA, Mabel Salgado (orgs.). **Memórias eclesíásticas: documentos comentados**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

SIQUEIRA, Sônia. **A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

ZANONE, Valério. "Laicismo". In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. **Dicionário de Política**. 5. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.